

HOJE

COMUNICAÇÃO E IMPRENSA - SME

JORNAL DO BRASIL
DIÁRIO POPULAR
Jornal da tarde

O ESTADO DE S. PAULO

ESCOLA
NOVA

VEJA

FOLHA DE S. PAULO

O GLOBO

ISTO É
SENIOR

DCI

14 15
12 13
JUNHO
90

Prefeitura faz alfabetização 'libertadora'

ANA ESTELA DE SOUSA PINTO

Da Reportagem Local

A Secretaria Municipal de Educação de São Paulo implantou este ano um projeto inédito: um convênio com movimentos populares que recebem verbas da Prefeitura e alfabetizam adultos. O projeto, chamado de Mova (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos de São Paulo), começou a funcionar em janeiro e tem hoje entre 15 mil e 17 mil estudantes. A meta é chegar a 60 mil educandos até o fim do ano — São Paulo tem hoje cerca de 1,2 milhão de analfabetos. A secretaria destinou ao projeto quase US\$ 10 milhões (Cr\$ 557 milhões, pelo câmbio livre), incluídos no orçamento de 90 — escolhido pela Unesco como Ano Internacional da Alfabetização.

"Não somos meros repassadores de recursos", diz o coordenador-geral do Mova e assessor especial do secretário Paulo Freire, Moacir Gadotti, 48. Para receber a verba mensal de Cr\$ 19.642,25 (em junho) por sala de aula, a entidade precisa indicar alfabetizadores que vão participar de um curso de 30 horas dado pela secretaria. Depois disso, monitores e supervisores dos movimentos populares continuam se reunindo com a equipe central do Mova, que dá orientação pedagógica e discute os problemas encontrados na alfabetização.

A questão mais polêmica do novo projeto é política: segundo os boletins do Mova, a entidade candidata a convênio deve "desenvolver trabalhos dentro da concepção político-pedagógica libertadora". A coordenadora Maria Alice de Paula Santos, 34, diz, por exemplo, que o método pedagógico desenvolvido por Paulo Freire é base dessa "concepção libertadora" e que os alunos precisam ser conscientizados de sua condição social. "Se não houver engajamento, militância política, vira uma alfabetização como outra qualquer."

Já Gadotti diz que o Mova não faz triagem ideológica nem obriga os movimentos a seguirem uma metodologia. Segundo ele, só não são aceitas entidades "anticientíficas, que queiram ensinar a partir das letras do alfabeto".

Juma aprende com sílabas

Da Reportagem Local

Na novela "Pantanal", da rede Manchete, o personagem Jove alfabetizou sua namorada, Juma Marruá. Seguindo um método parecido com o de Paulo Freire, ela usou sílabas que aprendeu com os dois nomes para escrever as frases "Juma ama Jove. Se Jove vai, Juma morre".

O coordenador-geral Moacir Gadotti acha que esse é um exemplo de como os meios de comunicação poderiam ajudar o Mova, divulgando a alfabetização a um público maior.

Ele diz que saber ler e escrever "liberta" o homem.

A menção a uma proposta político-libertadora soa "ideologizada" para a deputada estadual Guiomar de Mello (PSDB-SP), 47, ex-secretária da Educação. Ela acha que deveriam ser usados critérios como competência para avaliar as entidades. "O processo de alfabetização facilita a tomada de consciência, mas não pode ser usado como pretexto para conscientizar." Ela teme que o Mova seja usado como "aparelho político-partidário".

Gadotti afirma estar "preocupado" com uma possível associação do Mova a um "aparelho" da Prefeitura petista. Ele afirma que as eleições deste ano devem ser discutidas nas salas de aula, mas que a secretaria vai ficar "atenta para que não haja propaganda partidária". "Uma coisa é formar consciência, outra é doutrinar", afirma.

De qualquer forma, a mobilização dos integrantes do Mova deve ser uma das causas de seu sucesso, segundo o secretário-geral do Centro Ecumênico de Documentação e Informação, Paulo Haddad, 49. Mas ele afirma que esse engajamento não substitui a formação pedagógica: "Sem formação técnica dos monitores, o projeto corre o risco de naufragar".

Experiência do Mobral foi um fracasso

Da Reportagem Local

Antes da criação do Mova, as entidades de São Paulo que alfabetizavam adultos recebiam verbas da Fundação Educar, hoje extinta. A Educar atuava em todo o país e surgiu em 85 para substituir o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização).

O Mobral atuou de 1970 a 80. Em 70, havia 18,146 milhões de adultos analfabetos. Em 79, o órgão afirmou que a taxa de analfabetos tinha caído a 11%, mas o censo de 1980 revelou que ela era de 20%. O número de adultos analfabetos tinha aumentado para 18,3 milhões.

A repercussão do fracasso do Mobral determinou sua extinção, e a maior crítica feita ao programa foi a forma de pagamento dos professores: eles recebiam de acordo com o número de matriculados por classe, o que resultava na diplomação rápida de pessoas que só sabiam assinar o nome.

Quando a Educar foi criada, o país tinha 17,284 milhões de adultos analfabetos. A fundação, extinta pelo governo Collor, adotava oficialmente o método Paulo Freire.

Na opinião do pedagogo Sérgio Haddad, a Educar só usou o "esqueleto" do método, mas atuou de forma contrária às idéias de Freire. Como exemplo de prática errada, Haddad cita uma cartilha usada em Manaus. Feita no Rio, ela trazia a palavra "foguete", com o desenho de uma nave espacial. "Mas foguete, em Manaus, é rojão", diz. (AESP)

Extinção da Educar prejudica empresas

Da Reportagem Local

Com a extinção da Fundação Educar (leia texto acima), 40 empresas de São Paulo não podem dar certificados de alfabetização a seus empregados, segundo Sueli Zveibl, 33, da construtora Amafi. Segundo ela, há quase mil trabalhadores que estudavam nas próprias empresas com material e apoio técnico da Educar.

"Os projetos do Mova não se encaixam no que nós queremos", diz Zveibl. Ela quer que a delegacia do MEC em São Paulo forneça os certificados. O delegado regional do MEC, Nelson Boni, disse que o ministério deve lançar em julho um programa de alfabetização, que inclui os convênios firmados com a Educar. (AESP)